

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY E GANHADORA DO SILVER FALCHION

PAMELA FAGAN HUTCHINS



ESTRADA EM ZIGUE-ZAGUE

UMA AVENTURA DE PATRICK FLINT

CONTENTS

1. [E-Books Gratuitos PFH](#)
2. [Capítulo Um: Adiante](#)
3. [Capítulo Dois: Pare](#)
4. [Capítulo Três: Vento Lateral](#)
5. [Capítulo Quatro: Carga](#)
6. [Capítulo Cinco: Folga](#)
7. [Capítulo Seis: Escape](#)
8. [Capítulo Sete: Agito](#)
9. [Capítulo Oito: Flutuo](#)
10. [Capítulo Nove: Empurrão](#)
11. [Capítulo Dez: Ameaça](#)
12. [Capítulo Onze: Olhar Para Trás](#)
13. [Capítulo Doze: Presa](#)
14. [Capítulo Treze: Marcha](#)
15. [Capítulo Quatorze: Congelado](#)
16. [Capítulo Quinze: Recomeço](#)
17. [Capítulo Dezesseis: Parada](#)
18. [Capítulo Dezessete: Choque](#)
19. [Capítulo Dezoito: Separados](#)
20. [Capítulo Dezenove: Batida](#)
21. [Capítulo Vinte: Respingo](#)
22. [Capítulo Vinte e Um: Libertação](#)
23. [Capítulo Vinte e Dois: Reversão](#)
24. [Capítulo Vinte e Três: Desvio](#)
25. [Capítulo Vinte e Quatro: Retrocesso](#)
26. [Capítulo Vinte e Cinco: Tatear](#)
27. [Capítulo Vinte e Seis: Mudança](#)
28. [Capítulo Vinte e Sete: Aparição](#)
29. [Capítulo Vinte e Oito: Sobressalto](#)
30. [Capítulo Vinte e Nove: Reunião](#)
31. [Capítulo Trinta: Perseguição](#)
32. [Capítulo Trinta e Um: Escalada](#)
33. [Capítulo Trinta e Dois: Grito](#)
34. [Capítulo Trinta e Três: Descida](#)
35. [Capítulo Trinta e Quatro: Pausa](#)
36. [Capítulo Trinta e Cinco: Reagrupe](#)

37. [Capítulo Trinta e Seis: Surpresa](#)
38. [Capítulo Trinta e Sete: Separação](#)
39. [Capítulo Trinta e Oito: Oração](#)
40. [Capítulo Trinta e Nove: Ataque](#)
41. [Capítulo Quarenta: Defesa](#)
42. [Capítulo Quarenta e Um: Sincronia](#)

[Dedicação](#)

[Agradecimentos](#)

[Livros da Autora](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outros Livros pela SkipJack Publishing](#)

[Prefácio](#)

[Notes](#)

UM
E-BOOKS GRATUITOS PFH

ANTES DE COMEÇAR A LER, você pode acessar gratuitamente a biblioteca inicial de e-books de Pamela Fagan Hutchins — incluindo um epílogo exclusivo de *Estrada em Zigue-Zague*, chamado *Spark* — cadastrando-se na lista de transmissão por e-mail dela em: <https://pamelafaganhutchins.com/sign-up-for-pamela-fagan-hutchins-author-newsletter/>.

DOIS
CAPÍTULO UM: ADIANTE

Buffalo, Wyoming
18 de setembro de 1976, 02h00 a.m.

Patrick

SE TEM uma coisa que aprendeu trabalhando na sala de emergências do Parkland Memorial Hospital em Dallas, como um estudante de medicina, é que nada de bom acontece depois da meia-noite. Talvez na cidade dorminhoca de Buffalo, Wyoming, não visse prostitutas com mandíbulas fraturadas, adolescentes em overdose, gângsters com chumbo entre os olhos, ou aventureiros sexuais relutantes em explicar os gerbos enfiados nos traseiros, mas, ainda assim, quando o celular tocou às duas da manhã, Patrick sabia que seria algo ruim.

Ele girou na cama e acotovelou sua mulher, que estava enterrada embaixo de camadas de cobertores incondizentes com a estação do ano e que ele chutou de cima de si durante a noite.

— Susanne, eu preciso ir.

— Cuide-se.

Seu resmungo estava no piloto automático — as mesmas palavras que ela sempre diz — e ele teve certeza de que ela não saiu do sono REM.

— Susanne. *Susanne*.

— O que foi? — Ela pulou para uma posição sentada, com olhos arregalados e cabelos arrepiados, desconfiada sob a luz fraca da lua entrando pela janela.

Ainda assim tão amaldiçoadamente bonita. O coração dele deu uma cambalhota. A mesma mulher pela qual está apaixonado desde que ele era um estudante de quinze anos no quadro de honra do A&M Consolidated High School em College Station, Texas.

Ele tocou a bochecha dela.

— Está tudo bem. Eu preciso ir para o hospital. Você pode providenciar que todo mundo termine suas malas no caso de eu me atrasar para voltar?

Ela se afundou no travesseiro.

— Claro.

— Obrigado.

Ele se vestiu quase no escuro com as roupas que deixou fora do armário na noite anterior — afinal ele era o médico de plantão. Antes de sair, pressionou seus lábios nas têmporas de Susanne. Um "hmm" contente interrompeu seu ronco suave. Então, andou rápido da sala de estar principal do andar de cima para o andar de baixo — o qual foi construído ao lado de uma colina, e era basicamente um porão — e da porta da frente para o seu carro estacionado na rotatória da entrada. Sem garagem, era a mesma caminhada que fazia o ano todo.

Ele se movia com cuidado, usando as técnicas indianas do andar de raposas que aprendeu quando criança nos escoteiros: agachar-

se com as mãos nos joelhos, levantar o pé bem alto, colocar a parte externa do pé no chão, rolá-lo para dentro, abaixar o calcanhar, abaixar os dedos do pé, e colocar o peso para baixo. Repetir. Se alguém estivesse vendo, ele se sentiria um idiota fazendo isso, mas estava sozinho, e era uma boa prática para sua viagem de caça já marcada. Estava passando exatamente o quarto da sua filha, Trish, e com certeza não queria acordá-la. *Senhor, salve-me dos humores adolescentes.* Perry não era tão ruim, tinha apenas doze anos, mas a vez dele chegaria. Já seria ruim o suficiente quando Patrick pegasse sua família pelas nove horas para levá-los para dentro da camionete e para subir a montanha.

Fechou a porta do seu Porsche 914 branco o mais silenciosamente que pode. Na noite passada ele estacionou deixando tudo pronto para uma saída quieta, com o carro de frente para a descida e preparando o freio de mão. Agora, soltou o freio e deixou o carro esportivo ganhar velocidade até que estivesse na beira da entrada. Enquanto descia a montanha-russa, abaixou as janelas. O único som eram as rodas na estrada de chão. Logo pisou na embreagem, e o Porsche rugiu para a vida.

O caminho para o hospital geralmente levava cinco minutos, mas eram sempre cinco minutos de terror agarrando o volante. Veados suicidas e carros esportivos baixos eram uma combinação mortal, e os veados surgiam com força total no crepúsculo, aterrorizando as estradas até quase amanhecer. Susanne brigou feio com ele por ter comprado o Porsche. Havia somente dois motoristas na família deles, ela o lembrou, e eles já tinham dois carros: o Station Wagon bronze dela e a camionete velha dele. Provavelmente ainda não era hora de contar para ela que estava de olho em um avião Piper Super Cub, agora que tinha sua licença de piloto. O problema era que amava o Porsche. E droga, quando um homem se casa aos

dezenove com a única garota com quem namorou na vida, tem uma criança aos vinte, e trabalhou em vários empregos enquanto estudava medicina para pôr comida na mesa, bom, esse homem merecia um Porsche o quanto antes pudesse bancá-lo. O carro não era tão extravagante — comprou a versão mais barata. Contudo, ainda tinha escrito "PORSCHE" como nos modelos mais elegantes, e a capota preta poderia ser removida para transformá-lo em um conversível. Ele se orgulhava da sua frugalidade até que gastou com prontidão todas as economias em peças raras, disponíveis só por encomenda, e em mecânicos que só conheciam carros americanos e camionetes grandes. Como se estivesse lendo seus pensamentos, o motor engasgou quando Patrick parou num semáforo.

— É isso. Vou vender esta porcaria — mexeu os lábios falando para si mesmo.

Olhando de relance, viu outro motorista de olhos turvos o encarando da pista ao lado. Era um adolescente em uma camionete com as janelas abertas.

— Qual é o problema, cara, nunca viu alguém falando sozinho antes?

O jovem acenou com a cabeça.

— Pelo menos eu sei que sempre vou ter uma resposta inteligente.

A luz ficou verde. Patrick ligou o motor. O Porsche roncou adiantado, mas a camionete arrancou na frente. O pequeno carro esportivo mais latia do que mordida. Alto, entretanto com mais ou menos a mesma aceleração que tinha com seu velho VW Bug.

Dirigindo sozinho a pitoresca rua principal do Oeste com iluminação precária, Patrick passou embaixo da bandeira celebrando o bicentenário — Buffalo abraçou o evento e esteve o

observando o ano todo — e alguns minutos depois estacionou em uma vaga reservada próxima à emergência para o médico de plantão. Lá dentro, uma luz fluorescente zumbia e piscava, dando ao espaço austero uma sensação de *Twilight Zone*¹.

Ele se apressou para encontrar o técnico de raios X, de quem recebeu a chamada que o acordou. Na maioria dos lugares, a enfermeira de plantão teria feito a ligação. A maioria dos lugares não tinha Wes.

— O que temos, Wes?

O técnico era uma cabeça mais alto que Patrick e pesava vinte e dois quilos a menos. Seu uniforme azul quase não chegava aos tornozelos.

— Bom, Doutor, nós temos uma possível fratura de perna — Wes disse com imparcialidade, mas Patrick pegou um brilho em seu olhar. O que é que poderia ser engraçado sobre uma perna quebrada às duas da manhã?

— Onde está o paciente?

— Lá fora no estacionamento, óbvio.

Patrick estava andando em direção ao interior da emergência, então parou e se virou para encarar Wes cara a cara.

— Não vamos trazer ele para dentro?

— Ela. E não, eu não acho que isso seria uma boa ideia.

— Qual é o problema?

— Sem problema.

— O que estou deixando passar aqui? — Patrick geralmente não precisava arrancar respostas de Wes. Talvez o técnico de raios X estivesse com sono. Lerdo. Como ele.

— Não tenho certeza, Doutor. Quer que eu vá vê-la com o senhor?

De repente Patrick teve certeza de que Wes estava quase rindo.

— Pode apostar que eu quero.

Os dois homens foram para fora juntos e encontraram um jovem em jeans azuis empoeirados, uma camisa surrada do Western e botas gastas. Estava parado na beira do estacionamento e tirou o chapéu quando os viu.

— Muito obrigado por virem. — A mão oferecida para Patrick tinha calos e era áspera como uma lixa, seu aperto espremia os ossos — Meu nome é Tater Nelson.

— Doutor Flint. Fiquei sabendo que temos uma possível fratura de perna.

— Sim, senhor.

— Qual é o nome da paciente?

— Mildred.

— Mildred. Ok. — Ele seguiu Tater pelo estacionamento, parando em um trailer para dois cavalos. Tater abriu a porta traseira. — Você a colocou aqui?

— Não queria que ela se assustasse no estacionamento e se machucasse ainda mais.

Patrick espreitou dentro do trailer. Um casco deu um coice para fora, passando a quinze centímetros do médico. Ele deu um salto para trás, para não correr riscos.

— Mildred é uma égua. — Ele ia matar o técnico de raios X. Wes deveria tê-lo avisado.

Tater balançou a cabeça veemente.

— Sim. Ela é uma Gateado Ruivo de montaria arisca. Pode ajudá-la?

Patrick se virou para Wes, que tinha uma mão cobrindo sua boca como se estivesse escondendo dentes feios. Na realidade, estava escondendo um sorriso.

— Não sei. Wes, podemos ajudá-la?

— Espero mesmo que sim, Doutor, afinal é o senhor quem está cobrindo o veterinário hoje à noite.

Patrick levantou as sobrancelhas, mas sua voz era monótona.

— Cobrindo o veterinário. — Joe Crumpton, o veterinário, não tinha pedido para que ele o cobrisse no plantão.

— Sim, senhor. O Doutor John sempre cobre para ele.

— E vice-versa?

— Veja, isso não estaria certo. Um veterinário cuidando de pessoas? O pessoal não aceitaria.

— Mas está tudo bem um médico cuidar de animais. — Ambos os homens concordaram com a cabeça. Patrick não estava tão seguro. O mais perto que chegou de medicina veterinária foi ao ler *All Creatures Great and Small*. — Tater, nos dê um minuto. Logo voltaremos para cuidar de Mildred.

— Tudo certo.

Quando eles ficaram fora do alcance dos ouvidos, Patrick disse:

— Ok, sabichão, o que eu faço com uma égua arisca com a perna quebrada?

— O que o senhor faria com um cavaleiro com a perna quebrada?

— Está se referindo àquela criança de Kaycee?

— Aquela criança de Kaycee... Doutor, você me mata. Aquela criança é o campeão mundial de rodeio sem sela com cavalos ariscos. Chris Ledoux.

— Ele não falou nada sobre isso quando deu entrada. Apenas me falou que voltaria na próxima semana para colocar outro gesso, porque iria tirar o que coloquei nele para... — Patrick sinalizou aspas no ar — *trabalhar*.

— Esse é o Chris. Porém, antes de colocar o gesso nele, o que o senhor fez?

Patrick o olhou sem expressão.

— É uma pegadinha?

— Pediu um raio-x, Doutor. Portanto vai pedir um raio-x da perna da Mildred, óbvio.

Patrick suspirou e coçou a região com falha cabelo em sua cabeça, mania que não conseguia largar não importava quantas vezes Susanne o pedisse para parar.

— Pensei que tínhamos decidido que Mildred não iria entrar na emergência.

— A máquina de raios X portátil. Óbvio.

— E se a perna estiver quebrada?

— Vamos colocar gesso. — Wes deixou o "óbvio" de lado desta vez, mas Patrick o ouviu de qualquer forma.

— Nós vamos, ein?

— Sim, nós vamos.

— Nunca engessei a perna de um cavalo antes. — E ele duvidava que o seguro de responsabilidade profissional cobrisse isso.

— Mamão com açúcar para um velho cirurgião como você.

Toda vez que Wes começava a chamar Patrick de "cirurgião" significava que estava aliviando. Ele deu de aniversário para Patrick uma faca de bolso de trinta e três centímetros com CIRURGIÃO escrito no punho, um tempo atrás no verão, junto a um cartão que o instruía a "jogar fora aquela faca de iniciante da Minnie Mouse e carregar algo útil". Agora Patrick não ia a lugar nenhum sem ela. De noite, ficava na cabeceira da cama ao lado da sua carteira e de seu relógio. Colocar a faca no bolso era simplesmente uma etapa para se vestir em Wyoming.

Patrick deu um tapinha no bolso e na faca, em seguida, bufou. *Mamão com açúcar, certeza.* Estava se sentindo mais idiota e

menos capaz a cada segundo. Nunca montou em um cavalo até se mudar para Wyoming dois anos atrás, mas aprendeu o suficiente para respeitar um animal preso com cascos duros, dentes grandes e uma mandíbula forte.

Lembrando o pontapé que Mildred lançou nele, Patrick perguntou:

— Temos uma contenção? — Ele sempre continha a boca do seu cavalo, Reno, para que ele não mordesse o ferrador. Funcionava muito bem.

— Não, não — Wes abriu um sorriso largo. — O truque vai ser se mexer rápido e ficar fora da linha de fogo.

— Ótimo. — Entretanto, agora Patrick também sorriu. Crescendo no Texas, ele achou que conhecia o Oeste, mas Wyoming superou o Oeste de Texas e mais um pouco. Um homem tinha que ser capaz de rir de si mesmo, ou a vida ficaria bem sem graça muito rápido.

— Ou podemos fazer como algumas pessoas que levantam a pata oposta ao mesmo tempo. A maioria dos cavalos fica muito bem com duas patas levantadas do chão.

— Você fica na parte posterior então. Eu escolho a frente.

Wes riu.

De volta à emergência, os dois homens continuaram com suas brincadeiras bem-humoradas enquanto pegavam materiais e equipamentos. Até que Patrick ouviu um tumulto na área da recepção. Vozes altas, tagarelice, e um som de pele batendo em pele.

Uma mulher gritou "pare" em uma voz agitada.

Patrick saiu na porta da sala cheia de equipamentos — esbarrando apenas em uma fileira de pilhas de comprimidos numa prateleira no caminho — um passo à frente de Wes, que estava empurrando uma máquina de raios X portátil com rodinhas. Na

recepção, eles se depararam com um homem usando uniforme da Guarda Florestal de estatura baixa e musculosa como a de um lutador. Ele estava segurando uma mulher com o rosto virado para o chão, um braço atrás e o joelho dele contra as costas dela. O cabelo dela cobria parte do rosto, mas não abafava sua voz. A mulher estava xingando como se fosse no sentido literal, habilmente e usando grande variedade. A luz fluorescente estalava e piscava irregularmente pelas paredes, piso branco-cinzentos e cadeiras de braços de metal. Um homem magro em um macacão e uma mulher rechonchuda em um vestido florido lilás caseiro e chinelos estavam encolhidos no canto. No lado oposto da sala, Kim, a enfermeira de plantão, estava parada entre Patrick e um garoto magrelo em botas de caminhada que agarrava seu rosto vermelho e cheio de espinhas.

Kim era uma mulher forte que usava seu cabelo em um coque cinza prático. Ela tinha as mãos erguidas e falava com o andarilho em uma voz firme:

— Venha comigo, senhor. Vou te levar para uma sala de exames.

Ele se queixou para ela:

— Ela me bateu! A vadia me bateu!

O guarda-florestal concordou com Kim.

— Podemos colocá-la o mais longe possível dele? — Ele sacudiu suas algemas.

Patrick não tinha o conhecido antes, mas conhecia o guarda anterior, Gill Hendrickson, e presumiu que esse era o substituto de Gill. De fato, quando o corpo de Gill deu entrada na sala de emergência naquele ano — baleado fatalmente em serviço — Patrick era o médico de plantão.

Kim apontou:

— Vou colocá-lo na sala número um. Coloque ela na número quatro. — A sala número quatro era a mais distante da sala de espera.

Patrick deu uma olhada no casal idoso encolhido. *Boa decisão, Kim.* O guarda disse:

— Senhor, deseja prestar queixa?

O homem balançava para frente e para trás, chacoalhando a cabeça, a mão ainda no queixo.

— O que? Não. Não. Uh-uh.

O guarda ergueu a mulher em pé, não *indelicadamente*. O rosto dela estava vermelho onde ficou pressionado contra o linóleo, mas, pelo contrário, ela parecia ilesa. Sua camiseta furada e úmida ao redor do pescoço. A respiração estava acelerada, mas ela não parecia estar agitada.

Os olhos dela foram de pessoa em pessoa, parando em Patrick e seu jaleco de médico.

— Eu acho que estou tendo um ataque cardíaco. — Sua mão foi para seu peito e ombro.

Infelizmente, Patrick já tinha visto comportamentos e sintomas assim antes, e várias vezes, em Dallas. Porém, somente uma vez em Buffalo. Ela não aparentava estar tendo um ataque cardíaco. Estava disposto a apostar que estava chapada. Que eles dois estavam, ela e o andarilho. O suor, a hiperatividade, dor no peito — efeitos colaterais frequentes de ansiedade induzida por anfetaminas. Entretanto, por que um guarda-florestal estava aqui?

— Sou Alan Turner — disse o guarda para Patrick e Wes, sem soltar a mulher.

Wes se apresentou.

— Sou o Doutor Flint. Prazer em conhecê-lo. De onde são esses dois?

— Estavam dirigindo sem cuidado em Red Grade, perto do acampamento de lá. Decidi que precisavam de uma passadinha aqui, por razões óbvias. — Guardas-florestais eram considerados policiais, com autoridade para aplicar todas as leis do Estado de Wyoming quando necessário, apesar das leis de manutenção da vida selvagem serem sua principal responsabilidade.

Kim voltou depois de alocar seu paciente.

— Kim, pode verificar os sinais vitais enquanto eu e Wes tratamos a paciente lá fora?

Se Patrick estivesse certo a única coisa errada com eles era estarem dopados, nada que um par de Valium não resolvesse. Kim apontou a cabeça para a paciente dela:

— Sozinha?

— Eu fico com ela — disse Alan.

Kim concordou.

— Neste caso, tudo bem.

— Não me deixe, Doutor — disse a mulher. — Estou morrendo.
— Ela agarrou o peito.

— A senhora está em boas mãos. Eu voltarei.

Patrick se apressou para fora com Wes.

— Odeio ver casos de drogas por aqui — disse para Wes.

— Muito mais casos assim ultimamente. Tivemos alguns no último final de semana quando o Doutor John estava de plantão.

O contraste entre a noite quieta e o drama da sala de espera era gritante, a não ser pelas rodinhas barulhentas da máquina portátil de raios X. Patrick parou na beira do estacionamento.

— Eu me pergunto o que está acontecendo? Tomara que isso termine com a temporada de turismo. — Entretanto, a temporada de turismo acabou no Dia do Trabalhador, que foi há várias semanas

atrás. A mente de Patrick voltou para a égua. — Você olhou a perna da Mildred antes de eu chegar aqui?

— Olhei.

— Quão feio está?

— Não passou da pele, porém a senhorita Mildred está machucada e infeliz. Bem perto da junta do metacarpo, mas acho que não a atingiu. Você é sortudo, Doutor. O prognóstico para cavalos que quebram as juntas é ruim. Um número considerável morre de infecção articular.

Não é uma fratura exposta, não atingiu a junta. Sem ferida aberta, então sem infecção. Isso era algo bom. Patrick não queria que outro paciente morresse por impurezas no sangue, nem mesmo um cavalo. Em especial não depois de ter perdido uma paciente por conta disso pela primeira vez na semana passada. Bethany Jones. Esse era o nome dela. Se a sua família não tivesse esperado para trazê-la ao hospital até que estivesse perto da morte, Patrick talvez pudesse ter tido a chance de salvá-la. As pessoas em Wyoming não eram nada se não fossem autossuficientes. Às vezes autossuficientes um pouco demais.

— Isso é bom. — Patrick voltou a caminhar para o trailer.

Wes colocou uma mão no seu braço, o parando de novo.

— Um daqueles caras da família Jones veio esta tarde querendo uma cópia do relatório da autópsia da mãe.

— De novo, é? — Patrick não os conheceu, mas continuava ouvindo sobre suas visitas.

— Eles sempre foram insistentes.

— Com sorte teremos o relatório em breve, então eles não terão mais nenhum motivo para aparecer por aqui. Estou bem ansioso para eu mesmo ter acesso a esse relatório. — Era bem difícil não se

sentir responsável quando alguém morre sob seus cuidados, fazendo sentido ou não.

Wes soltou o braço de Patrick, e os dois homens se aproximaram do trailer. Mildred estava com o rosto para fora agora, e Tater estava sussurrando em seu ouvido. Ele acenou com a cabeça quando os viu.

— Vou dar um analgésico para Mildred antes de examiná-la e fazer o raio-x da sua perna — explicou Patrick.

Ele entrou no trailer com Tater e Mildred. Mildred imediatamente ergueu suas orelhas e começou a bater no interior do trailer com os cascos traseiros.

— Shh, Mildred. — Patrick se aproximou dela. — Está tudo bem, garota.

— Talvez devêssemos tirá-la daqui, Doutor Flint — disse Tater.

— Boa ideia. — Patrick queria espaço para correr.

Tater puxou o nó do cabresto.

— Bom, droga. Ela se mexeu e apertou isso até nunca mais conseguirmos desamarrar.

Patrick tirou sua faca de bolso de cirurgião e segurou.

— Posso?

— Claro. Vou segurá-la, e o senhor vai até lá rápido e corta fora o nó. Nós ainda teremos o suficiente para trabalhar.

Patrick tirou o nó, depois deslizou a faca de volta no seu bolso. Wes disse:

— Aquela faca da Minnie Mouse não teria feito isso, teria?

Patrick sorriu.

Tater tirou Mildred para fora do trailer sem mais danos, graças à tala de primeira linha que alguém colocou em sua perna. Em seguida, amarrou-a em uma estaca lateral. Patrick se aproximou novamente, com o objetivo de aplicar uma injeção no pescoço dela.

A égua atacou rápido como uma cascavel e cravou os dentes no peito de Patrick.

— Aah! — ele gritou. Seu ombro caiu e seus joelhos dobraram.
— Filho de uma égua!

Tater golpeou na lateral de Mildred, mas ela segurou por dois dolorosos segundos antes de libertar Patrick. Ele recuou depressa. Ela balançou o rabo.

Wes cruzou os braços:

— Filho do quê?

Patrick não respondeu. Ele esfregou o peito. Ela não tinha rasgado a pele, mas ele teria um grande roxo amanhã.

Tater acariciou o nariz da égua.

— Desculpe, Doutor Flint. Mildred é um pouco mal-humorada.

Algo que desejou que Tater tivesse falado antes dele ficar ao alcance dos dentes dela.

— E eu que pensava que todos te amavam, Doutor — disse Wes.

Patrick deu um olhar para Wes. Para Tater, ele disse:

— Você já aplicou uma injeção de cavalo?

— Uma vez ou duas.

Patrick o entregou a seringa.

— Sinta-se à vontade, então.

Wes tossiu cobrindo com as mãos, mas parecia mais com uma risada.

Pés acelerados e uma voz sem fôlego assustaram Patrick.

— Doutor Flint. Nós temos uma chamada. — Era Kim. Kim nunca corria.

— Um delegado. Atacado por um prisioneiro. Eles estão o trazendo aqui.

Patrick poderia se mudar para o fim do mundo e não conseguiria fugir do pior que o homem é capaz de fazer. Seu coração desabou. Conhecia os delegados locais. Uma deles morava na casa ao lado da dele e de sua família.

— Condado de Johnson?

— Big Horn.

Não conhecia nenhum dos delegados do Condado de Big Horn. Contudo, isso não minimizava a tragédia.

— Quanto tempo até chegarem?

— Quarenta e cinco minutos.

— E os pacientes lá de dentro?

— Os sinais vitais deles estão condizentes com anfetaminas. Sem outros indicadores. E o casal de idosos? Ela é diabética e esqueceu de tomar a insulina.

Patrick fechou seus olhos por um longo segundo.

— Tudo certo, então. Cinco miligramas de Valium e observação para nossos pacientes dopados. Cheque o nível de glicose da paciente diabética. Nós vamos resolver o problema da Mildred, e, em seguida, entro para dar uma olhada em todo mundo e assinar prescrições. Devemos terminar antes da ambulância chegar. Obrigado, Kim, e me avise se alguma coisa mudar.

— Pode deixar. — Ela balançou a cabeça e retornou para o hospital.

Um homem corpulento apareceu no lugar dela com um Cão de Montanha dos Pirinéus em seus braços. A cabeça do cachorro estava pendurada em seu ombro, virada para a direção oposta a Patrick. Uma pata descansava nos braços no homem. Patrick olhou duas vezes. *Aquela pata está presa em uma armadilha de urso.* O homem disse:

— O senhor está cobrindo o veterinário?

Patrick queria negar, mas ele disse "sou eu" e pensou: *vai ser uma longa, longa noite.*

TRÊS
CAPÍTULO DOIS: PARE

Buffalo, Wyoming
18 de setembro de 1976, 10h00 a.m.

Susanne

SUSANNE SABIA que ela deveria se sentir culpada, mas ela não se sentia.

Trish ainda estava imitando um trator e Perry estava estático em frente à TV, assistindo futebol americano universitário. Ela olhou de relance para seu filho. De barriga para baixo no carpete marrom felpudo, ele usava apenas sua cueca do Superman. O queixo em suas mãos, os joelhos dobrados, os pés balançando no ar. *Um mini Burt Reynolds no seu tapete de pele de urso*, ela pensou, e deu uma risadinha. Nenhuma das crianças estavam prontas para sair. Nenhuma delas fez as malas. Inclusive, nem ela.

Tomou um gole da caneca quente com sua "água com cor de café", como Patrick chamava. Eram dez horas e estava na mesa da cozinha trajada com seu vestido *kaftan* vermelho brilhante de usar

em casa, o qual ela mesma fez. O programa da rádio local anunciava, com elogios, filhotes de cachorro, equipamentos de esgrima e arreios para cavalos de carga. Ele competia com a TV na sala ao lado e os roncos de Ferdinand, o Lébrél Irlandês deles que foi resgatado da rua, comia tudo fora e dentro de casa, e constantemente cheirava como se tivesse rolado em padaria morta. Pela janela panorâmica na parte de trás do cômodo que unia a sala de estar e a de jantar, podia ver as folhas douradas caindo nos álamos no quintal brilhando com a brisa e o sol. Apesar da urgência do tic-tac do relógio, ela não se moveu. Estava sentindo saudade da sua mãe e da sua irmã de um jeito paralisante. Já tinha usado seus créditos mensais para ligações interestaduais conversando com elas nas duas primeiras semanas de setembro. Cartas teriam que servir, mas elas só respondiam uma vez a cada três envios. Susanne entendia. Elas tinham uma à outra, seus familiares, amigos e comunidades. Ela era a solitária.

Por que Patrick tinha que mudá-los para tão longe de todos com quem se importavam? Exceto por um ao outro, claro. Parecia que ele estava tentando recuperar um elemento — local — do sonho que abandonou para cursar medicina: ser um biólogo da vida selvagem ou guarda-florestal feliz e empobrecido. Sim, ela fez algumas amigas em Buffalo, mas não era igual a antes. Bom, exceto por Evangeline Sibley. A esposa grávida do rancheiro era o mais próximo da melhor parte em ter sua própria irmã aqui. Patrick também criou uma grande amizade com o marido de Vangie, Henry. Porém, para falar a verdade, o resto das mulheres nativas de Wyoming eram simplesmente muito brutas e gostavam de estar ao ar livre demais na opinião de Susanne. A maioria delas nunca viu um batom ou pó compacto. Elas caçavam e pescavam com — ou sem — os homens. Susanne tinha *orgulho* em ser uma dama do sul.

Não queria ser tal qual as mulheres locais, mas ainda assim se sentia de alguma forma... supérflua... perto delas.

Parecendo confirmar os pensamentos dela, o radialista disse:

— Becky Wills tirou sua licença para caçar com Jackson e está procurando por alguém que fique com seus meninos, idades de três, cinco e sete, por volta de dez dias enquanto ela e seu marido estiverem fora da cidade para caçar.

Só em Wyoming uma mulher iria fazer um anúncio no rádio para encontrar alguém para ser babá dos filhos e ela pudesse ir caçar. Susanne nunca deixaria suas crianças com estranhos. Não no Texas, pelo menos. Poderia estar no mesmo barco se ela tivesse que deixar a cidade às pressas por causa de uma emergência, mas com certeza não seria para caçar.

De que jeito deveria se relacionar com mulheres como Becky Wills? E todas eram como ela.

Trish entrou na cozinha, coçando os olhos. Parte de seu cabelo loiro fez uma moldura ondulada em seu rosto e cabeça, fazendo seu caminho caindo solto de duas tranças francesas.

— O que tem para o café da manhã?

Ferdinand ficou atento. Ele esticou seu magro e desalinhado corpo de pônei ao se abaixar. Então, semelhante a um Galgo Inglês¹, pulou e flutuou até Trish. Ela o abraçou em volta do pescoço e murmurou para ele.

— Perry, Ferdie e eu comemos duas horas atrás. Tem cereal na despensa.

Os olhos de Trish se estreitaram e seu nariz torceu, mas ela pegou uma tigela e uma colher, colocando-os um pouco forte demais no tampo grosso da mesa. Susanne estremeceu. A mesa era especial para ela, junto com o guarda-louça ao lado. Cara, nogueira polida, puxadores de bronze, portas de vidro. As primeiras

peças de mobília nova que ela e Patrick compraram. Por sorte, o jogo americano absorveu o impacto da tigela. Trish voltou com o cereal e o leite.

— Seu pai está no hospital. Ele vai querer sair assim que voltar.

— Tipo, bom para ele.

— Trish. — O tom da sua voz disse: chega disso. Ela suspirou.

— Você não é tão velha para apanhar. — Ela não tinha orgulho disso, mas Susanne quebrou réguas, escovas de cabelo e varas nas costas das crianças. Isso não os acalmou muito.

— Se conseguir me pegar.

Susanne apontou para o cabelo da filha.

— É para isso que servem as caudas.

Trish derramou cereal e leite na tigela. Ela tilintou a colher contra seus dentes, depois sugou o leite em uma grande mordida.

— Que horas ele vai chegar?

— Modos, Trish. Já estou esperando por ele.

— Obrigada por me acordar.

Susanne fingiu não notar o sarcasmo.

— Por nada.

O telefone tocou. Torcendo para que fosse sua mãe ou irmã, Susanne correu até ele. Ela não foi tão rápida quanto a filha.

— Residência dos Flint, Trish falando. — A adolescente rolou os olhos enquanto dizia a saudação que seus pais pediram. Ela ouviu por um momento. — Ele não está em casa agora. Vou passar para minha mãe. — Segurando o telefone para Susanne, ela disse: — Eles querem deixar recado, sabe.

— Não diga "sabe". Eu não sei a não ser que me fale. — Susanne resmungou, mas arrancou o telefone da filha. — É Susanne Flint.

— Olá, sra. Flint. É o Hal Greybull, o legista do condado.

— Olá, sr. Greybull. Acredito que nos conhecemos no café da manhã com panquecas para o departamento de bombeiros?

— Na verdade, sim. Eu acabei de tentar falar com Patrick no hospital e não o achei lá. Pode pedir para ele me ligar?

— Desculpe. Deve estar no caminho para casa. Ele saberá do que se trata?

— Eu tenho umas últimas perguntas antes de liberar a autópsia e relatório da Jones. — Ele passou um número de telefone.

Susanne sabia qual caso era aquele. Seu marido estava fora da casinha desde que não foi capaz de salvar a vida da mulher mais velha. Patrick era brilhante, e ela sabia que ele tinha feito seu melhor. Às vezes coisas ruins simplesmente aconteciam. Sem um motivo. Humanos vivem, humanos morrem, e médicos não são Deus, mas poucas pessoas entendiam isso.

— Sem problemas.

— Obrigado.

Susanne colocou o telefone de volta no gancho. Sua mente viajou para a noite em que Bethany Jones morreu. Patrick chorou nos braços da esposa. Os olhos dela queimaram. Ela teve sorte no quesito marido de várias formas. Talvez Wyoming não fosse para sempre.

A colher de Trish bateu na mesa, fora do jogo americano. Com a boca cheia, ela disse:

— Por que mesmo que o pai está nos fazendo ir caçar alces com ele?

Boa pergunta. Uma que ela ignorou. Argumentar com garotas adolescentes deve ser evitado a todo custo.

— Tire sua colher suja da minha mesa.

Trish fez isso, devagar.

Um pensamento chocou Susanne. Ela entendia por que Patrick queria ir. Ele amava caçar. Até sabia o quanto ele queria passar um tempo com as crianças e compartilhar a atividade que ele amava com elas. Porém, por que *ela* tinha que ir? Estava com as crianças o tempo todo. Na cabeça dela, tinha pontos contra caçar. Ela odiava, sem ordem correta, estar com frio, dormir no chão duro, atirar, cavalos e coisas mortas. Em um instante, soube o porquê não obrigou as crianças a fazerem as malas ou terminou de arrumar as suas próprias coisas. Ela não ia.

— Mãe, você me ouviu? Eu perguntei por que o pai está nos fazendo ir?

A porta da frente abriu e fechou. Patrick estava em casa. Ferdinand trotou escada abaixo para cumprimentá-lo. Ouviu Patrick dizer oi, em seguida, mandar o cachorro para fora.

— Pergunte ao seu pai.

Perry estava tão absorto com a TV que não ouviu o pai entrar. Se tivesse, teria dado um pulo e desligado o jogo. Patrick e Susanne geralmente limitavam as crianças a ver *The Undersea World of Jacques Cousteau* ou *Mutual of Omaha's Wild Kingdom*, e um desenho animado por semana. Em sua defesa, Susanne não deu autorização a Perry para adicionar o canal na programação.

A cabeça castanha-clara de Patrick apareceu no topo das escadas, que dava para a sala de estar, e para Perry.

— Quem está pronto para a caçada? — Seu belo rosto aparentava estar abatido e seus olhos azuis apagados, mas sua voz estava alegre.

— Oi, querido — disse Susanne. — Noite longa?

Trish voltou ao seu cereal. Cada leite sugado e batida nos dentes aumentavam a ira de Susanne. Ela se sentiu prestes a ter uma mudança drástica de humor, então forçou um sorriso.

— Inacreditavelmente difícil. Eu te conto tudo sobre ela no caminho às montanhas. — Patrick franziu a testa ao se aproximar de Susanne. Ele se abaixou para evitar uma luminária pendurada no teto baixo. Tinha apenas um metro e oitenta de altura, mas a luminária estava posicionada de forma estranha. — Por que Perry está assistindo futebol?

Ouvindo seu nome, Perry finalmente registrou a presença do pai e com um pulo ficou em pé. Ficou de costas para a TV e a desligou.

— Eu só o deixei ligar a TV por um momento enquanto comia. — Susanne cruzou seus dedos no colo e torceu para que as crianças não a dedurassem.

Patrick beijou a bochecha de Susanne, em seguida, colocou sua carteira e suas chaves no balcão da cozinha.

— As malas estão prontas para carregar na camionete?

Perry se aproximou da mesa. Ele abaixou a cabeça.

— Não, ainda.

— Pensei que você estava ansioso por finalmente ter idade o suficiente para caçar, cara?

— Eu estava. Eu estou. Estarei pronto logo. Mas, pai, por que eu não posso jogar futebol? Também tenho idade suficiente para isso.

— Porque eu não quero que você tenha seu crânio quebrado. Nós já conversamos sobre isso. Você poderá jogar quando estiver no nono ano. — Ele olhou de seu filho a Trish e sua esposa — Agora, vão se arrumar. Todos vocês. A luz do dia está acabando, e nós vamos caçar. — Quase cantou as últimas palavras e fez alguns movimentos estranhos.

— Eu preciso? — Trish perguntou, com sua voz de bajulação.

A dança parou.

— Vou fingir que não perguntou isso. Mexa-se.

As crianças saíram em fila, Perry na ponta dos pés e animado, Trish com os ombros curvados e uma carranca no rosto.

— O que ela tem? — Patrick perguntou. Serviu uma tigela de cereal e uma xícara de café.

— Ela é uma garota de quinze anos. Quer estar com os amigos. E acho que, pelo jeito dela correr toda vez que o telefone toca, talvez tenha um menino na história.

— Ela é muito nova para meninos.

— A mesma idade que eu tinha quando comecei a sair com você.

— Exatamente meu ponto.

Susanne sorriu para ele.

— Talvez ela seja mais como eu do que parece.

— O que quer dizer?

Não tinha uma maneira da situação terminar bem após o que ela iria contar, mas precisava acabar com isso.

— Eu odeio caçar.

— Você não odeia caçar.

Ela se preparou.

— Odeio. Não gosto nem um pouco de armas. Ou cavalos. Cindy tropeça o tempo todo. Isso me assusta. E decidi que não vou na viagem.

A tigela de Patrick caiu no chão, espalhando leite e cereal no linóleo, nos armários e em direção ao carpete.

— Você o quê? — O olhar que lançou a ela era turbulento.

É, não iria terminar bem de jeito nenhum.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: <http://www.ebooks2go.com>